



PREÇOS DO LEITE E A INFLAÇÃO DO REAL

Nas duas edições anteriores de **Balde Branco**, ocupei este privilegiado espaço com assuntos que aparentemente não dizem respeito ao mundo do leite. Em setembro procurei analisar o que levou a civilização a duas guerras mundiais. Em 1914, o mundo iniciou a primeira, tendo como motivação um problema sempre presente em conflitos internacionais, ou seja, o câmbio de moedas. Isso resultou numa verdadeira carnificina, levando a mais de 9 milhões de mortos em apenas quatro anos.

Também procurei descrever a situação em que ficou a Alemanha após o término do conflito, em função das pesadas dívidas de guerra que aquele país teve de assumir. Emitiram moeda sem correspondência em ouro e o resultado foi que, entre janeiro de 1919 e novembro de 1923, a inflação alemã acumulou um trilhão por cento (1.000.000.000.000%). Aprendemos, assim, que a emissão de moeda em excesso leva à inflação, recorde mundial, até então.

Já na edição de outubro a conversa foi sobre a nossa inflação. O Brasil viveu uma situação muito mais aguda em termos inflacionários que a Alemanha. Se a inflação alemã foi de um trilhão por cento, num período de quatro anos (1919 a 1923), a inflação brasileira acumulou 13,3 trilhões por cento em oito anos (1986 a 1994). O que nos salvou foi a correção monetária, uma criação genuinamente brasileira, que compensou parte da perda do poder aquisitivo gerada pela inflação. Na edição do mês passado também falamos sobre as tentativas de controle da inflação no Brasil até 1994. Pois, nossa caminhada hoje parte deste ponto, para desaguar no mundo do leite...

Neste ano completamos 20 anos de Plano Real. Portanto, temos a primeira geração de brasileiros que não sabe o que é uma hiperinflação. Também aqueles que estão completando 30 anos não sabem o que é viver num país em que todos preferem ter bens que ter dinheiro. Preferem consumir, que poupar. Preferem pensar no hoje, que no amanhã. Quem quiser conhecer o que foi a vida do brasileiro ou relembrar os seus próprios sofrimentos vividos, eu recomendo o livro *Saga Brasileira*, da jornalista Miriam Leitão, que trata em linguagem fácil, sem o rigor científico, esse momento inusitado da vida nacional.

Surpreendentemente, os 20 anos do Plano Real foram pouco lembrados. Creio que o ano eleitoral prejudicou uma atenção maior ao aniversário. Em julho, os mentores do Plano Real estavam às voltas para viabilizar apoios internos ao candidato do próprio partido. Já os demais candidatos não iriam lançar luz a um feito do concorrente. Ademais, vale lembrar, posicionaram-se contrários ao Plano quando de seu lançamento, há duas décadas.

O fato é que, em 20 anos, a inflação brasileira acumulada foi de apenas 362%. No segundo semestre de 1994 o acumulado foi 18,6%. Em 2005 inteiro, foi de 22,4%. A partir daí a inflação caiu para um dígito anual, chegando até 3,1% em 2006. Nunca é demais lembrar que, em 1993, no ano que antecedeu ao Plano Real, a inflação foi de 2.709%. Portanto, 6,5 vezes num ano que o registrado pelo Plano Real no acumulado de duas décadas!

Nestes 20 anos, alguns produtos tiveram crescimento de preços bem abaixo da inflação. O grupo "alimentação" é o de maior peso no custo de vida da ampla maioria da população. Pois, este grupo contribuiu significativamente para que o conjunto dos gastos familiares subisse menos que a inflação. Frutas, por exemplo, acumulou variação de apenas 26%, em 20 anos!

A variação dos demais grupos alimentares também foi surpreendentemente favorável. Os produtos vegetais também deram a sua contribuição. Cereais e legumes tiveram preços majorados em 287%; tubérculos, em 110%; açúcar, em 274%, e óleos e gorduras, em 248%. Já a proteína animal ficou perto do limite inflacionário. Carnes e peixes industrializados, bem como aves, subiram 344%. Já enlatados e conservas tiveram preços elevados em 274%, e sal e condimentos, 280%.

Os artigos domésticos também subiram menos que a inflação acumulada nas duas décadas. Produtos eletrônicos como tevê, som e informática tiveram queda de preços de -41%. Isso mesmo! Quem, como eu, comprou uma tevê em 1994, pagou mais e por uma tecnologia pior do que quem comprou vinte anos depois.

Veja o comportamento de outros produtos do lar: mobiliário, 273%; utensílios e enfeites, 359%; cama, mesa e banho, 137%, e eletrodomésticos, 187%. Também vestuário contribuiu imensamente. O comportamento de preços de roupa feminina ficou bem aquém da inflação, ou 198%, enquanto a masculina teve variação de 234%; roupa infantil, 209%; calçados, 250%, e tecidos, 146%. Finalizando, o preço dos veículos variou apenas 158%, e higiene pessoal, 224%.

Por outro lado, não foram muitos os produtos que tiveram preços majorados acima da inflação de 362% nestes 20 anos. No segmento alimentação, carnes subiram 463%, e pescados, 624%. Perceba que carnes e pescados industrializados puxaram a inflação para baixo, enquanto os produtos frescos tiveram comportamento contrário, bem acima da inflação. Na Europa e nos Estados Unidos os alimentos industrializados sobem menos que a inflação e são mais acessíveis. No Brasil, ao contrário, os acessíveis eram os produtos *in natura* ou frescos.

Pelo visto, também no quesito carnes estamos nos transformando em país de característica madura! Comer produtos frescos vai virando hábito de rico. Também panificados subiram mais que a inflação, 415%, enquanto alimentação fora de casa acumulou 493%. Mas, os grupos de maior impacto no bolso foram: aluguel, 860%; gás de cozinha, 940%; energia elétrica, 436%; combustíveis de veículos, 424%; serviços pessoais, 618%; jornais e livros, 710%.

Pois, então, nestes 20 anos de Plano Real o setor lácteo ficou 311% mais caro, aquém da inflação de 362%. Isso é um grande achado. Afinal, até pouco antes do Plano, o Governo adotou o tabelamento visando forçar a contribuição dos lácteos para a redução da inflação. O custo desta política foi impedir a modernização do setor, que apenas começava, como em outras atividades, como grãos, suínos e aves. Sob a tutela do Governo, o setor ficou pouco atrativo economicamente.

Já sem o tabelamento, os objetivos do governo foram alcançados e ainda ocorreu modernização da cadeia produtiva. Portanto, a lição que fica é que a intervenção do Governo buscando controlar preços de leite não é atitude inteligente, embora sempre seja hipótese permanente considerada pelos formuladores de política, que têm a missão de controlar a inflação.

Nos últimos anos, os preços do leite ao consumidor estão muito bons, possibilitando ganhos para todos os segmentos da cadeia produtiva, ao ponto de motivar grandes empresas a atuarem, por exemplo, no mercado de leite fluido, o que não ocorria. Mas, os bons preços não pressionaram a inflação. Ao contrário, foi possível absorver a elevação do custo do salário mínimo, que subiu 1.100%, e de insumos como energia e combustível, que acumularam aumentos acima da inflação, como demonstrado. ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, chefe-geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Nestes 20 anos de Plano Real o setor lácteo ficou 311% mais caro, aquém da inflação, que acumulou 362%